

---

## Meio ambiente nas ondas de uma rádio universitária: a produção do BioSom na UniFM 107.9, da UFSM<sup>1</sup>

Clarisse AMARAL<sup>2</sup>

Elisa BEDIN<sup>3</sup>

Kemyllin DUTRA<sup>4</sup>

Maicon Elias KROTH<sup>5</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### RESUMO

Ao perceber a emergência climática e o interesse público sobre o tema, acadêmicos de Jornalismo passaram a estudar e perceber seu papel na conscientização social. A partir de discussões sobre teorias que fundamentam a exploração do tema, compreenderam a necessidade de não apenas debater, mas também produzir conteúdo jornalístico. Assim nasce o BioSom, programa radiofônico voltado a questões socioambientais. No artigo apresenta-se uma síntese de conceitos que sustentam a proposição de realizar processo e práticas de produção do BioSom. Também há uma breve descrição das operações jornalísticas postas em ação. Considera-se que a proposta contribui para a definição de cidadania ambiental e, também, para a formação dos estudantes integrados nas atividades exercidas, de praticar a atividade de construção jornalística da narrativa sonora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Ambiental, Radiojornalismo, BioSom.

### 1. Introdução

Com o intuito de levantar questionamentos e trazer diferentes abordagens sobre a pauta socioambiental contemporânea, o programa radiofônico BioSom surge de discussões sobre práticas e processos de produção de narrativas sonoras. Debates das disciplinas de Radiojornalismo e do projeto de investigação vinculado ao Grupo de Pesquisa: Práticas e Processos Midiáticos (UFSM/CNPq) resultam nesse espaço de difusão de informação jornalística. A iniciativa propicia apontamentos de alternativas para a conscientização da sociedade no que diz respeito à sua responsabilidade com relação ao meio em que vive.

O BioSom é realizado, de forma voluntária, por acadêmicos do sexto semestre do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria. Os membros se dividem em funções relacionadas à produção, desde a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ01 – Jornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, email: clarisse.amaral@acad.ufsm.br

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, email: elisabedins@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, email: kemyllin.dutra@acad.ufsm.br

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSM, email: maicon.kroth@ufsm.br

---

estruturação da pauta a ser abordada até a entrega do produto final para a rádio UniFM 107.9. A disponibilização do conteúdo em plataformas digitais também é responsabilidade dos integrantes.

A cada episódio veiculado, o BioSom disponibiliza uma série de informações pertinentes à comunidade acadêmica (alunos, técnicos-administrativos e docentes da UFSM), local e da Região Centro do Rio Grande do Sul. Com um cronograma de pautas, o projeto relaciona o público-ouvinte a conversas sobre contextos, problemáticas, exemplos e dados apurados de forma contínua. Tais informações são alvo de ampliação e reflexão por parte das fontes convidadas às edições do programa.

A execução das etapas de montagem do programa é fundamentada em um contexto teórico/conceitual e metodológico debatido ao longo das disciplinas de radiojornalismo do curso de Jornalismo. Apresenta-se, ainda, de forma sintética, o arcabouço teórico que sustenta conceitualmente o entendimento de autores sobre operações de produção de programas radiofônicos e uma descrição analítica de detalhes dos modos produtivos do BioSom. Nas considerações finais, está presente um breve diagnóstico da relevância do projeto, considerando sua contribuição a respeito de tendências do jornalismo sonoro.

## **2. O exercício do radiojornalismo na era digital**

Com mais de um século de história no Brasil, o caráter democrático e acessível do rádio foi, e ainda é, algo que permite o alcance da comunicação desde as capitais até as áreas rurais e remotas de todo o território. Atualmente, de acordo com estatísticas divulgadas em 2022 pelo Ministério das Comunicações, há mais de 10 mil emissoras de rádio em atuação no país. Além disso, a Kantar IBOPE Media, empresa de dados líder em pesquisas de mídia na América Latina, publicou, em setembro do ano passado, uma pesquisa com a informação de que 38% dos brasileiros veem o rádio como um companheiro e 35% como uma diversão.

Uma das transições mais importantes à qual o setor se adaptou de forma rápida e satisfatória, foi a migração de transmissão AM (Amplitude Modulada, com maior alcance) para FM (Frequência Modulada, com maior qualidade). Na era digital, frente aos avanços e demandas tecnológicos, os meios de comunicação sofrem uma série de outras mutações em seu formato, público e veiculação. Contudo, o acompanhamento popular e

---

diário do modelo jornalístico e sua multifuncionalidade permitem uma adaptação gradual e efetiva.

Em meio a um cenário de constantes mudanças, desde as tecnológicas até os modos de consumo da informação, o meio foi capaz de se ressignificar, mantendo características como a instantaneidade, a prestação de serviços e o compartilhamento de notícias, ideias e o entretenimento. Para Herreros (2001), as mudanças em fluxo contínuo propõem maiores desafios, envolvendo a criatividade de produtores de conteúdo, e a digitalização, para além da técnica, repercute em aspectos sociais e comunicativos.

O advento da internet força o rádio a integrar-se no meio digital e a eternizar o que antes tinha exibição única ou de acordo com efemérides. Para gerar proximidade e sincronia entre o produto e quem o consome, é preciso se apropriar de diferentes linguagens para amplificar a audiência e buscar formas de acessar seu ouvinte a todo momento e em qualquer lugar. Esse novo modo de se fazer o radiojornalismo é nomeado de “rádio hipermidiático” por Lopez (2009, p. 12).

Para o rádio, seu maior desafio, ao passar do formato sonoro para o multimídia, é autopromover-se com o uso de uma nova linguagem e estudar a sua audiência, que é especialmente sensível a novas tendências. O ambiente digital afeta os modos de construção das narrativas sonoras, uma vez que o canal trabalha em virtude de satisfazer os novos padrões de consumo, que é feito por meio de dispositivos móveis e outras tecnologias. O cenário da produção atual gira em torno de engajar o ouvinte, com atendimento de demandas e atualizações constantes de informações.

A cultura de convergência, conceito criado pelo pesquisador Henry Jenkins (2008), define as mudanças tecnoindustriais e socioculturais e caracteriza o uso complementar de diferentes mídias como a nova necessidade estratégica para captar e fidelizar o ouvinte, especialmente por meio de plataformas digitais. Poell et al., (2020, p.11) explica que esse processo modifica a produção e a distribuição de informações, ou seja, num contexto de plataforma social, “o conteúdo é modulado constantemente e adaptado de acordo com o feedback dos usuários”.

No radiojornalismo, a relação entre emissor e receptor tem sido fortalecida no processo de participação ativa do público que influencia na fabricação de conteúdos antes dos programas e durante as transmissões. O desejo do novo público é que se possibilite mais interatividade e que se mantenha a qualidade e a seriedade tão características do rádio. No entanto, o setor enfrenta dificuldades, como o número cada vez menor de

---

jornalistas presentes nas redações e condições precárias de trabalho e infraestrutura (Kischinhevsky et al., 2019).

Não apenas no contexto do rádio comercial, o problema se estende, na perspectiva da presente pesquisa, às práticas e aos processos de radiodifusão universitária, espaço específico da comunicação pública e educativa. Embora vislumbrado também na UniFM 107.9 e na Rádio Universidade 800 AM, ambas pertencentes à Universidade Federal de Santa Maria, o cenário não impede o surgimento de alternativas. A tentativa de potencializar a grade de programação por meio do fomento e da criação de programas que primam pela informação de interesse à comunidade acadêmica, comunitária e estudantil se apresenta no BioSom.

### **3. Globalização, cidadania e Jornalismo Ambiental**

Embora o período de globalização, que começa com as Grandes Navegações, se encaixe no período entre os séculos XV e XVII, são os fluxos comerciais, financeiros e de investimentos, trazidos pela tecnologia de ferrovias e navios a vapor no século XIX, que consolidam o termo. Coincidentemente, durante esse século as elites europeias começam a refletir sobre questões ecológicas e, no final desse período, a imprensa adquire um caráter político e ideológico baseado em aspectos classistas.

Segundo Castells (2001), foi só no final dos anos 1960 que movimentos ambientalistas de massa começaram a surgir nos Estados Unidos e Europa Ocidental, o que pode ser relacionado, sobretudo, motivado, ao aumento do acesso à informação. Já para Ramos (1995), nessa época a questão ambiental passa a ser tratada como neurose e preocupação descabida por muitos veículos, resultando numa perda de espaço da temática na mídia nos anos seguintes.

De acordo com Vasconcelos (2014), na metade do século XX a degradação do meio ambiente deixa o berço do núcleo academicista e chega a diversos setores sociais, dando à luz o movimento ambientalista e suas distintas correntes. Como uma manifestação da contracultura, a vertente faz críticas às instituições da sociedade, ao capitalismo e aos modos de consumo, diante de efeitos do processo de globalização refletidos em impactos socioambientais locais, como a degradação ambiental e esgotamento precoce de recursos naturais.

---

Na era digital, o conceito de globalização, por ação do crescente fluxo de informações, consumo e serviços, passa a ser mais amplo. A cidadania global propõe cooperação mundial para combater os principais problemas da esfera global: mudanças climáticas, desigualdades econômicas e conflitos armados. Pautada na defesa dos direitos humanos e ambientais, dimensão da cidadania aborda a origem e a possível solução dessas questões, cobrando responsabilidade de governos e empresas.

As mudanças climáticas são intensificadas pela alta emissão de gases e o elevado nível de exploração de biomas originais a cada ano. Conforme o relatório anual da Organização das Nações Unidas (ONU), “Estado do Clima em 2022”, a temperatura média global ficou 1,15°C acima da média de meados do século XIX. Além disso, os anos de 2015 a 2022 foram os mais quentes da história. Esses dados mostram a latente impossibilidade de um possível resfriamento da terra.

Em 2021, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), divulgado pela ONU, apresentou que as emissões de CO<sub>2</sub> devem chegar a praticamente zero para uma possibilidade de reversão do cenário. Neste ano (2023), o secretário Geral da ONU, António Guterres, declarou em uma coletiva de imprensa que a Terra chegou ao seu ponto de ebulição. A declaração se baseia no fato de que o uso abusivo de energia fóssil, carvão e outros elementos responsáveis pelo efeito estufa aumentaram o clima normal médio do planeta.

Já no Brasil, país conhecido internacionalmente por suas riquezas naturais, a postura antiambientalista do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro marcou os últimos anos. A redução das políticas para a preservação de biomas naturais e o incentivo para a exploração de terras por parte do agronegócio enfatizado contribuíram para o aumento de 150% do desmatamento da Amazônia em relação aos anos anteriores, de acordo com o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia.

Com esse cenário preocupante, a demanda de informações aumenta, já que os dados acima apontam que a ameaça de uma crise climática, tão levantada no século XX, de fato se concretizou. Porém, embora debatida com mais veemência e urgência nos últimos anos, uma vez que os índices de desequilíbrio ambiental denunciam um cenário alarmante sem precedentes, o tema vem sendo comentado e refletido há algum tempo.

Em 2009, a pesquisa Greendex 2009 (Índice Verde 2009), realizada pela National Geographic Society e pela empresa GlobalScan, colocou a população brasileira em segundo lugar no ranking avaliativo de consciência ambiental e hábitos de consumidores

---

em 17 países. Dados mais recentes, do Sustainability Sector Index 2022 (Índice do Setor de Sustentabilidade 2022), apontam que 99% dos brasileiros têm vontade de possuir um estilo de vida sustentável, mas apenas 14% mudaram o comportamento.

Além disso, o Relatório Nacional publicado em novembro de 2022 pela JUMA (Juventudes, Meio Ambiente e Mudanças Climáticas), mostra que 8 a cada 10 jovens entre 18 e 24 anos consideram que estamos vivendo uma crise climática. A mesma pesquisa aponta que 7 a cada 10 entrevistados concordam que pessoas pobres e ricas sofrem os efeitos das mudanças climáticas de maneiras diferentes, o que reflete a multidisciplinaridade da discussão socioambiental.

Debater e dar espaços na mídia para assuntos relacionados à preservação da natureza e dos recursos naturais é uma das formas de executar a cidadania ambiental. Os dados acima citados comprovam que há interesse na pauta e, para além da teoria, na prática de soluções sustentáveis. Remover a monopolização da academia sobre a conversa e incluir a população de forma didática e compreensível dá a oportunidade de se desenvolver uma compreensão coletiva sobre a real situação do planeta.

### **3.1 Jornalismo Ambiental no meio radiofônico**

Reflexões sobre a emergência climática, um público à procura desse tipo de informação e um meio de comunicação de alta circulação, tornam necessária a ocupação de um espaço pelo Jornalismo Ambiental. Assim nasce o BioSom, que, a partir de discussões sobre os conceitos que fundamentam a exploração do assunto no âmbito da pesquisa, fortalece a necessidade de não apenas debater, mas também produzir conteúdo jornalístico que evidencia, por meio de narrativas sonoras, o que se vislumbra como práticas e processos emergentes em torno da temática.

De acordo com Bueno (2007), o Jornalismo Ambiental possui três funções básicas, que são: informativa, pedagógica e política. Para o pesquisador, o objetivo desse gênero é democratizar o conhecimento, facilitar o acesso à informação e incluir o povo em seus discursos. Em sua prática, o jornalista ambiental deve fazer com que essa multidisciplinaridade se apresente na forma de reivindicações que unam os âmbitos social, ambiental, econômico, político, cultural, governamental e do terceiro setor.

Em discussões sobre mídia e sociedade, a inserção do radiojornalismo como ferramenta de educomunicação, proposta por Mário Kaplún, que aborda a utilização de

---

veículos e setores midiáticos em processos educativos, é um questionamento válido. Dessa forma, o exercício do jornalismo, além de entreter e divertir, orienta e educa o ouvinte, o que prova que programas do gênero ambiental servem de fonte de informações e conhecimento prático para o público.

Nesse sentido, Bacchetta (2000) corrobora o argumento de que o jornalismo ambiental envolve mais do que concepções factuais e científicas, passando por linhas filosóficas e éticas, o que serve para desenvolver a participação popular e cidadã. Para ele, os problemas ambientais são sociais, econômicos, políticos e culturais. O gênero deve ser objetivo e responsável, não cometendo o erro de reforçar discursos ecofascistas, pautados na culpabilização do indivíduo e da reprodução humana pelo estado do planeta.

Baseado nesse pensamento e com foco em abordar o Jornalismo Ambiental de maneira acessível para o público geral, o projeto de criação do Biosom segue uma linha ecossocial, que, conforme Schwaab (2007), foi desenvolvida em meados dos anos 1970 e dá luz a conceitos como cidadania, preservação da natureza, justiça social e uma economia ecológica. Entretanto, existem desafios para produzir esse tipo de conteúdo para o formato radiofônico, o que exige que se pense os conteúdos a partir de lógicas de plataforma.

Para a jornalista Ilza Girardi. (2012), debates recorrentes sobre a pauta ambiental não são suficientes para sanar preocupações acerca do espaço que possui na mídia. A veiculação de temas ambientais, se pontual a acontecimentos catastróficos, longe de contribuir para a compreensão popular sobre sua complexidade, faz com que o foco seja meramente factual e não permite que soluções impeditivas de desastres naturais sejam conjuntamente pensadas em comunidades recorrentemente afetadas por eles.

Outra questão destacável é a linguagem, conceito aprofundado por Mario Kaplún (2017) que pauta o efeito educativo da comunicação. Essa abordagem traz questionamentos sobre a veiculação completa e acessível de conteúdos ambientalistas, uma vez que são ligados a explicações científicas. Para ele, o desencontro de linguagens pode ocasionar ruídos de comunicação e tornar a incompreensão o maior desafio do Jornalismo Ambiental. Com isso, percebe-se que, conforme Kischinhevsky et al. (2019), há problemas de expectativas quanto a oferecer uma alternativa em termos de informação e ao papel de um canal de comunicação institucional.

---

### 3.2 A Mesa-redonda como formato

O jornalismo é um sistema de comunicação que, dentro das suas finalidades, promove o conhecimento popular acerca de temáticas que exploram discursos e debates variados para estimular a interpretação subjetiva de sua audiência. No caso dos meios jornalísticos sonoros, Kaplún (2017, p.20) afirma que, levando em consideração o objetivo citado, “o rádio possui três funções gerais na sociedade, sendo elas: informar, educar e entreter. E que, portanto, os programas devem ser categorizados em informativos, educativos-culturais e de entretenimento.”

Para que o programa exista, a construção de um modelo que determina a sua identidade é fundamental e a estruturação de um projeto sonoro é o que define qual será o propósito e o benefício da escuta do produto. A execução eficiente dessa etapa de criação traz uma repercussão otimista para a audiência e os profissionais envolvidos da produção, constituindo vínculos com quem está na escuta. Nesse sentido, a mesa-redonda, também nomeada como painel, é um formato que permite a atividade das três principais funções do rádio e a concretização da identidade do programa, o que possibilita a disseminação do assunto abordado. Ela tem o propósito de analisar uma pauta através de argumentos que se complementam, utilizando-se do convite a pessoas que tenham pontos de vista e interpretações pertinentes à temática do programa.

Precisa-se, também, de um ou mais apresentadores para fazer a mediação da entrevista, e do contato com a audiência. Em caso de discordância de ideias, são assinaladas e confrontadas, entretanto, essas intervenções no diálogo dos entrevistados contribuem para que o conteúdo enriqueça e desenvolva o repertório dos ouvintes. Segundo Kaplún (2017, p.132), “não havendo necessidade de opiniões contrastantes como em um debate, nesse gênero o apresentador deve preocupar-se em manter o equilíbrio e a ininterrupção do programa”.

Outra particularidade do formato é reforçar a credibilidade por meio de uma conversa sequencial, que, sem possibilidades de ser exibida ao vivo, ao menos pareça ser de veiculação em tempo real. O uso de cortes no fluxo do debate tende a torná-lo artificial e pode deixar o ouvinte em dúvida quanto à sua espontaneidade e à verdadeira opinião das fontes presentes, assim como à condução do programa.

Por essas características, a mesa-redonda é o modelo escolhido para compor a execução do BioSom. Identidade, instantaneidade, diversidade de temas e opiniões e



---

veracidade são os elementos constituintes do programa. Para além de explorar as potencialidades do fazer jornalístico dentro do radiojornalismo na era digital e as inúmeras temáticas socioambientais, o projeto visa aprofundar-se nas possibilidades de condução de debate trazidas pelo formato.

#### **4. BioSom e UniFM 107.9**

A veiculação do BioSom na UniFM 107.9, emissora pública da Universidade Federal de Santa Maria, se justifica pelo público-alvo de ambos e por sua proposta didática, inclusiva e acessível. A rádio universitária possui o notável objetivo de socialização e oportunização na área radiofônica para estudantes e disponibiliza materiais inerentes ao exercício, como microfones, mesas de som, estúdios equipados e suporte técnico profissional. Ela está presente na execução de disciplinas relacionadas ao radiojornalismo no curso de comunicação social e de projetos de prática e extensão.

Mais um dos motivos para a escolha da citada rádio para a exibição do programa é a possibilidade de captar um público mais direcionado à área da pesquisa acadêmica, dentro da UFSM, e a práticas cotidianas, fora do arco e ao alcance da frequência. Inserir a pauta socioambiental em um espaço que já conquistou a comunidade acadêmica e local é uma estratégia efetiva para difundir conhecimento acerca do tema e alternativas sustentáveis que possam ser adotadas de modo simples pelo ouvinte.

Pela disponibilidade de horários do canal que veicula o BioSom, cada episódio é gravado nas duas semanas que antecedem sua exibição. Na rotação quinzenal, há cinco definições de responsabilidade. A organização define que, a cada programa, dois integrantes apresentem, dois contatem as fontes e ofereçam assistência técnica, dois produzam uma reportagem sobre o tema, um realize o tratamento de áudio e encaminhe o episódio à UniFM e um cuide das redes sociais do projeto para a divulgação.

#### **Figura 1**



Identidade visual do BioSom.

Figura 2



Representação da identidade visual do BioSom no Instagram.

O produto vai ao ar, semanalmente, nas quintas-feiras, das oito às nove horas da manhã, com foco em captar professores, servidores e alunos no horário previsto para saírem de casa e chegarem à Universidade. O programa traz assuntos variados do espectro socioambiental e fontes diversificadas, de especialistas a pessoas que vivenciam as problemáticas de pautas ignoradas ou minimizadas, seja pelo poder público ou pela sociedade. Para além de abordagens pontuais sobre questões climáticas, o BioSom estuda e apresenta à audiência todos os impactos trazidos pelos temas.

**Figura 3**



Acadêmicos de Jornalismo gravando o episódio a ser exibido em 16/08/2023.

**Figura 4**



Acadêmicos de Jornalismo com uma das fontes entrevistadas.

---

As pautas, assim como as fontes, são propostas pelos participantes e passam por um processo de afinamento. O processo de produção do roteiro, conduzido do geral ao local, é feito pela equipe com base na linha editorial do programa, que preza por dados confiáveis e atualizados. O agendamento das gravações, a rotação e a edição são realizadas pelos próprios estudantes. Nas redes sociais, a forma de se abordar o conteúdo de forma resumida é debatida em grupo e realizada pelo responsável da semana. Os horários de publicação de conteúdo no Instagram e no Spotify seguem a indicação de algoritmo sabida por meio da análise de engajamento dos perfis.

## **5. Considerações finais**

No atual contexto dos meios radiofônicos, percebe-se que há um espaço a ser explorado no âmbito das discussões sobre sustentabilidade e meio ambiente. Perante a disputa de tópicos que precisam ser levantados, busca-se distinguir quais requerem mais atenção, e diante de um cenário ambiental que precisa ser debatido com urgência, torna-se indispensável a abordagem da temática. Embora os meios de comunicação não garantam mudanças individuais, sua atuação promove manutenções sociais, principalmente no que toca à área ambiental.

O ato de informar levanta questionamentos sobre as estruturas sociopolíticas e interfere na formação de organizações por elas fundamentadas, o que, segundo Ramos (1995, p. 30), “orienta as relações humanas e a sociedade com a natureza”. Nessa lógica, o BioSom torna-se, para os ouvintes, referência na área divulgada e oferece diferentes narrativas, de modo responsável e ético. O programa combate a desinformação que circula na superfície digital e em conversas do cotidiano, que prejudicam a verdade factual sobre a qual o jornalismo se responsabiliza ao falar com sua audiência.

A proposta contribui, ainda, para a definição de cidadania ambiental, pautada em ações coletivas e individuais em prol da adoção de práticas sustentáveis e debates sobre o futuro do planeta. Além disso, o conteúdo nasce do comprometimento do grupo com o futuro da natureza, do desenvolvimento sustentável e da própria qualidade de vida das pessoas.

Os processos que constituem a produção jornalística são primordiais na passagem da informação correta para o indivíduo. A finalização da etapa de construção de um produto radiofônico ocorre somente após a sua divulgação, e por isso, o papel que o

---

núcleo de rádios da universidade desenvolve é fundamental para que o BioSom cumpra o seu objetivo na comunidade.

A veiculação do programa mostra que o apoio dos meios gera resultados positivos na diversidade da programação e estimula uma transformação social. Na formação dos estudantes integrados, as atividades exercidas no BioSom são oportunidades de terem um contato aprofundado com a pauta socioambiental e de praticar a atividade jornalística narrativa sonora. A procura de entrevistados, apuração de pesquisas e materiais, roteirização, programação, edição e divulgação são processos que qualificam o aluno no grupo, e a concretização do diálogo em formato de mesa-redonda amplia o repertório dos envolvidos.

A existência do BioSom abre portas para o estudo e a prática, realizados por corpo docente e discente, do Jornalismo Ambiental no espaço universitário. Sua execução é uma proposta inovadora para a instituição que o abriga. Seu desenvolvimento, apesar de ocorrer especialmente dentro da academia, se estende ao âmbito comunitário e, sem exageros, global, uma vez que a era digital e a presença do projeto em redes sociais possibilitam que pessoas de diversos locais do mundo o conheçam.

Os participantes têm um contato próximo com as nuances do jornalismo independente antes mesmo de sua inserção no mercado de trabalho. No projeto, cada estudante pode desenvolver a capacidade de elaborar uma agenda de pautas ambientais sem esperar por acontecimentos desastrosos de grande repercussão nesse âmbito. Essa prática colabora para o futuro de cada pessoa da equipe, formando jornalistas ativos e jamais reféns do sensacionalismo que surge com tragédias de origem ambiental ou de qualquer outra.

A rádio universitária integra alunos dos mais diferentes padrões sociais e acadêmicos e abrange pautas de relevância estudantil e comunitária. Essa ação possibilita uma interação educativa entre acadêmicos, professores, especialistas e ativistas nas causas debatidas, o que cria laços entre a instituição e a comunidade santa-mariense. De modo geral, a execução do projeto permite que as finalidades do jornalismo de promover o conhecimento, informar com qualidade e viabilizar mudanças estruturais no âmbito referido sejam contempladas.

## **REFERÊNCIAS**

BACHETTA, V. L. “Per”l del **periodista ambiental**”, en Sala de Prensa 42 (2). 2022. Disponível em: <http://www.saladeprensa.org/art340.htm> Acesso em 12 ago. 2023.

BUENO, W. **Jornalismo Ambiental**: explorando além do conceito. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, n. 15, p. 33-44, 2007.

CASTELLS, M. **La galaxia Internet**. Madrid: Plaza & Janés, 2001.

CEBRIÁN HERREROS, M. **La radio en la convergencia multimedia**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2001.

GIRARDI, I. M. T.; MASSIERER C.; LOOSE, E. B.; SCHWAAB, R. Jornalismo ambiental: caminhos e descaminhos. **Comunicação e Sociedade**, v. 34, n. 1, p. 131-152, 2012.

Inside Radio 2022. **Kantar Ibope Mídia**. Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/estudo/inside-radio-2022/>. Acesso em: 04 ago. 2023.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KÁPLUN, M. **Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção**. (Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (org.)). São Paulo: Intercom; Florianópolis: Insular, 2017. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/radio-producao-programas06102017.pdf> Acesso em: 06 maio. 2023.

KISCHINHEVSKY, M.; MUSTAFÁ, I.; MALERBA, J. P.; MONTEIRO, L. Rádios universitárias entre a comunicação institucional e o jornalismo. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v.10, n. 02, pp.29-48, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/4037/3102>. Acesso em: 06 maio. 2023.

LOPEZ, D. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all News brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. 164 f. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

OMM. “**Estado do Clima em 2022**”. 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/228847-%C3%BAltimos-oito-anos-foram-os-mais-quentes-j%C3%A1-registrados-revela-relat%C3%B3rio-das-na%C3%A7%C3%B5es-unidas> Acesso em: 13 ago. 2023.

PAES DE VASCONCELOS, D. **O Desafio de comunicar o meio ambiente**: Ecojornalismo e a Crise Hídrica de São Paulo. 63 f. 2014. Monografia. (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

POELL, T., NIEBORG, D., & DIJCK, J. Plataformização. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, 22(1), 2–10. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01> Acesso em: 06 maio. 2023.

RAMOS, L. F. A. **O discurso ambiental na comunicação de massa**: um estudo da Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento. 1995. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. Acesso em: 14 ago. 2023.

---

SCHWAAB, R. **O discurso jornalístico da sustentabilidade em programas de rádio sobre meio ambiente:** análise do quadro Mundo Sustentável e do programa Guaíba Ecologia. Orientador: Ilza Maria Tourinho Girardi. 2007. 149 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/11167>. Acesso em: 11 jul. 2023.